

IVAN

Nunca fui capaz de usar o “Monte Sião” como papel de embrulho. Nem de amassá-lo e depois atirá-lo ao cesto de lixo. Ou, então, o gesto de quem, deitado no sofá, termina a leitura e joga o jornal no chão, também jamais pratiquei. Esses procedimentos, aparentemente inconscientes, são um comando interior que adquiri por respeito ao “Monte Sião”. Tratá-lo com reverência tornou-se atitude natural, como se o tomasse por um amigo, um pai, um companheiro ou um bicho de estimação. Tudo porque nosso jornalzinho (leia-se como termo carinhoso), apesar de o intervalo de 30 dias entre uma edição e outra faça nos esquecer da anterior, conseguiu modificar opiniões consolidadas, provocou mudanças de critérios, ofereceu oportunidade aos leitores para aguçar a visão aos acontecimentos cotidianos, mostrando que os olhos comuns, antes do Monte Sião apenas enxergavam o óbvio e que havia todo um panorama a se contemplar; ensinou que a crítica é possível sem melindrar o criticado, e corrigir sem que o engano passe a ser erro. O meu respeito ao Monte Sião ainda provém do fato de ser

CRÔNICAS DA MINHA GENTE PARA O "MONTE SIÃO", COM O RESPEITO DE SEMPRE

um dos raríssimos jornais literários do país, onde a leitura ainda é luxo, olhada com desdém, quando não pavor e com generosa porção de ranço. Mesmo assim sobrevive. É verdade que acuado, encolhido em seu canto, mas sem receio e pronto para, se necessário, abandonar seu abrigo e contra-atacar. Esses atributos, ou são legados da nobreza em que se investiu ou são os condutores à nobreza que sempre buscou e, conseqüentemente, ao respeito que passou a merecer.

Quando nasceu pelas mãos oniscientes do doutor Marcello - nosso promotor de justiça de então e também presidente da Sociedade dos Amigos de Monte Sião - nosso jornal imediatamente promoveu reviravolta em nossa comunidade. A cidade pensava unanimemente, embora não soubesse a que se referia essa unanimidade e esse pensamento - sem

que esse procedimento fosse depreciativo ao nosso povo; era apenas consequência do provincianismo com que vivíamos ou ingenuidade até. Logo no primeiro número, em 15 de janeiro de 1958, abriu-se uma clareira nas ideias e aconteceram algumas dissidências à unanimidade. Fui uma das dissidências, embora, também, sem saber o porquê. Mas alguma coisa havia bulido comigo: uma chama que fulgurou, um vento gelado que cortou, um empurrão que chacoalhou, um cutucão que fez despertar. Foi por isso que só comecei a escrever no terceiro número, mesmo porque jamais havia escrito qualquer coisa antes e os colaboradores do jornal da época me pareciam uma muralha à minha petulância: Pascoal Andreta, Jairo Pimentel, Arlindo Zaroni Filho, José Bassi, José Guireli, Alair Monteiro, Waldemar Gotardelo, Lourenço Guireli Jr.,

além do doutor Marcello, todos bons de caneta e de outros predicados que me desencorajavam que me desencorajavam, melhor, me colocavam no meu devido lugar: fora do jornal.

Um dia, porém, aconteceram três bobagens ao mesmo tempo. Entreguei ao doutor Marcello um texto (a primeira bobagem), antevendo que aquele demônio de promotor (o homem nadava nas leis e as bebia) iria apontar todos os erros na minha cara e gargalhar abertamente do meu “estilo”, sob o seu cachimbo de brasas infernais e sulfúreas e, com desdém, devolver-me os escritos. A crônica chamada “Prejuízos do Cavalheirismo”, que o promotor leu e apontou os erros, mas com compreensão e interesse, pedindo-me (a segunda bobagem) para escrevesse outro artigo para o jornal seguinte. Não mais parei (a terceira), tudo por culpa do doutor. Bem feito pra ele.

O “Monte Sião” passou a fazer parte do meu cotidiano, o meu lazer, a minha fuga, o meu diário, o dreno das minhas raivas, o veículo dos meus revides, o berço das emoções. Mesmo ciente de que eu jamais acrescentara qualidade ao jornalzinho, sempre tive consciência do valor daquelas folhas pacientemente elaboradas pela comissão responsável, da sua capacidade para despertar outros monte-sionenses a mantê-lo com suas produções literárias. Assim, além dos colaboradores pioneiros citados, surgiram para as letras ou deram prosseguimento a elas: o José Carlos Grossi, o Ilson, o Cláudio Faraco, o José Antonio Andreta, o Carlos Caetano Monteiro, o Cid, a Maria de Lourdes Gomes de Barros, o Luiz Antonio Genghini, o Hermes, o José Alexandre, o Raimundo, a Denise, a Maria do Carmo, o Ugo, o Eraldo, o Nando Righetti, os já consagra-

dos Luiz Augusto Magalhães, Zechin e Zeza Amaral que mensalmente nos empresta uma das suas crônicas publicadas no Correio Popular de Campinas e outros mais cujos nomes fogem da memória, porém nunca esquecidos.

Hoje, aos 45 anos, com seu fundador (sem cachimbo) e seu diretor - Dr. Marcello e Ugo - nos dando apoio, incentivo e anualmente um almoço comemorativo, que tem sido a mais saborosa crônica do jornal, concluímos que valeu a pena, mesmo porque nenhum dos colaboradores “tem a alma pequena” e, a cidade, crescida com cresceu, bem que merece um jornal desse porte que, por suas características, ultrapassou os limites urbanos.

Se não contribuí para a qualidade do jornalzinho, repito, tenho a certeza de que ajudei a mantê-lo até o momento, com dedicação e respeito. Isso me basta, porque é assim que tenho me portado com tudo o que me é querido. Desse modo, também o “Monte Sião” está percorrendo por minhas veias. Às vezes, ouço o pulsar do seu fluxo. Isso me faz muito bem. Pelo que, agradeço.

Esta crônica foi escrita em 2003, devido à comemoração dos 45 anos do jornal Monte Sião, fundado em 1958

XIX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia

Tradicionalmente, as inscrições para o Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia são abertas no mês de dezembro e encerradas em janeiro, e o evento de entrega dos prêmios acontecia entre o final de março e início de abril - data próxima a 27 de março, aniversário da cidade de Monte Sião.

Na última edição do concurso não foi possível realizarmos a cerimônia de premiação - juntamente com nosso coquetel - uma vez que a pandemia de Covid-19 crescia a cada dia em número de infectados e todas as reuniões foram suspensas e/ou canceladas. Tivemos então a

comemoração virtual através das redes sociais e da página da Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) na internet no dia 10 de julho, aniversário do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião.

Ainda nesse cenário de incertezas sobre a evolução da pandemia e de quando poderemos novamente organizar um evento com a participação presencial dos(as) poetas e todas as pessoas, A FCPA definiu que as inscrições para o XIX Concurso serão abertas no mês de março, estendendo-se até abril, com a expectativa inicial de realizarmos o evento em 10 de julho de 2021. Não sendo pos-

sível ainda nessa oportunidade, programou-se então o dia 11 de dezembro, comemorando também o aniversário da Fundação Cultural Pascoal Andreta (08 de dezembro). Esperamos que até lá a situação nos permita confraternizar, tomando os cuidados necessários em respeito a todos.

Nesse ano não teremos mais a categoria exclusiva de Monte Sião e a categoria Geral será dividida entre Infantil, Juvenil e Adultos

No próximo mês publicaremos o Edital do Concurso nesse jornal e na internet - Facebook, Instagram, página da Fundação, etc.

Aguardem!

**Acesse também
nosso jornal na
internet:**

www.fundacaopascoalandreta.com.br

O QUE A VODCA PODE CAUSAR?

TONINHO GUIRELI

A vodca é incolor, seu sabor é característico, e tem seu teor alcoólico entre 35 e 60%. Entre os destilados ela é tida como uma das mais populares do mundo. Diz-se que ela é uma das bebidas que caiu nas graças de quem realmente aprecia drinques fortes. E embora ela seja uma das bebidas mais consumidas no mundo, ela é a bebida mais amada e odiada ao mesmo tempo, pelos apreciadores. Mas se ela mata, também faz rir, claro!

O renomado cientista russo Dmitri Ivanovich Mendeleev, decidiu misturar água e álcool em diferentes proporções durante um ano. E após várias experiências, acabou encontrando o ideal, ou seja, 40% de álcool e 60% de água; e assim acabou encontrando a bebida cer-

ta, que veio a ser a bebida nacional da Polônia e da Rússia.

Na produção das diferentes vodcas, usam as batatas e cereais, como o trigo. Na fermentação, torna-se uma cerveja, com baixa concentração de álcool. O produto é aquecido, e as moléculas de álcool sobem, separando-se da água; e esse processo é repetido até ela ficar quase um "álcool", e sua concentração abaixar até chegar em 40%;

A vodca é a bebida destilada mais vendida nos Estados Unidos. O Brasil está entre os 10 maiores mercados consumidores no mundo. Em cada drink deve ser colocado 50 ml, que é o ideal. Muita gente diz que, a chamada "caipirosca" é a bebida mais consumida, sendo ótima para amenizar ainda mais o teor alcoólico da Vodca. Já o valor energéti-

co mínimo da Vodca é de 52 calorias, a cada 25 ml. Uma curiosidade da Vodca é a de que ela não congela em uma geladeira comum. Ela somente congela quando está a -27 graus Celsius. Outra curiosidade da vodca, e isso é em caráter abusivo mesmo, visto que o líder norte-coreano Kim Jong Um estava impaciente com a demora na importação de 90 mil garrafas de vodca, é que um navio chinês chamado Nebula estava atracado em Roterdã (Holanda). A vodca mesma iria para a China, mas a "inteligência" holandesa estava desconfiando que a carga toda iria para o líder norte-coreano Kim Jong Um. E era mesmo para ele. Vá beber assim na China (e é o que ele queria, né?). Mas a alfândega apreendeu a remessa. E acho que ele teve que tomar Coca-Cola com rum mesmo! Capaz né! E alguém disse, que a

vodca serve também para fazer drinques, até com detergente. Oh loco, seu! Ai não, né?

Mas a vodca é muito boa sim! E em 2012 a vodca salvou 2 elefantes de circo. É que o circo estava na Sibéria, em uma noite muito, mas muito fria mesmo. E ainda assim com o aquecimento do reboque que estava ligado, uma falha provocou o incêndio e o compartimento dos elefantes era de madeira. E daí os elefantes ficaram à mercê de um frio de -40° C. Então os funcionários do circo correram comprar algumas garrafas de vodca. Misturaram a bebida com água morna e deram aos animais. Essa mistura os manteve aquecidos até a chegada dos veterinários, que passaram a cuidar dos animais, e que foram descritos como ilesos e alegres;

E passamos a observar,

algumas curiosidades sobre os elefantes:

a) Você sabia que o elefante chora?

b) Que ele é excelente nadador?

c) Que se protegem contra o perigo, formando um círculo?

d) Que sua audição é bem aguçada?

e) Que na alimentação comem 125 quilos de plantas, e bebem 200 litros de água por dia; e que a tromba deles suga 10 litros de água de uma só vez;

f) Que eles são solidários com os semelhantes, que estão com problemas de saúde ou à beira da morte;

g) Que a tromba é a principal responsável por sua respiração, mas que ela desempenha outras funções; ela tem capacidade para cerca de 7,5 litros de água, para beber ou espirrar no corpo para tomar banho; e serve para abra-

çar os outros animais;

h) Que os elefantes são fortes, e resistentes, mas também choram de emoção, e aí ficam tristes;

i) Eles também brincam com terras e lamas, mas com isso protegem a pele contra raios solares;

j) E possuem mesmo a chamada "memória de elefante", pois preservam recordações de outros seres, por anos e décadas;

E se você, caro amigo, tem perda de memória, pode culpar o consumo exagerado de álcool. É que o álcool tem efeito deletério na arquitetura verbal, viu? E saiba que o efeito do álcool dura somente 3 horas, no organismo. Mas nem por isso, devemos começar tudo de novo, tomando algumas doses, pois aí a coisa complica, não?

Notícias falsas destroem vidas reais

JAIME GOTTARDELLO

Estamos todos sobrecarregados com o aumento absurdo de notícias falsas, fontes enganosas e fatos alternativos. Cabe a todos nós desenvolvermos habilidades para ajudar a ana-

lisar e avaliar criticamente as notícias que lemos e ouvimos nas redes sociais, na internet e no que corre de boca em boca e que se espalha maldosamente por todo lugar. É preciso estar atento para uma verdadeira confirmação dos fatos. Todos merecemos a verdade,

sempre. Somos inteligentes o suficiente para analisar e decidir sobre qualquer notícia ou qualquer assunto.

Notícias falsas destroem nossa credibilidade. Argumentos baseados em informações ruins fazem com que as pessoas tenham

o direito de nos desacreditar em quaisquer outras situações. Notícias falsas sempre nos prejudicam, e seguramente também outras pessoas. Notícias reais e comprovadas beneficiam a todos. A sociedade se humaniza e se torna mais crítica, o que é essencial

para o convívio coletivo e bem-estar social.

Viver em um mundo assim - onde somos diariamente bombardeados com notícias na Internet, postagens na mídia social, reportagens tendenciosas e notícias maldosas sobre a integridade das pessoas -

nos força a buscar a todo custo a verdade que está bem ali ao nosso redor. Basta querer enxergar.

Cuidado, notícias falsas destroem pessoas.

Fábulas do Jardim do Senhor

JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER

Passarinho tão bonzinho e bonzinho que é o canto tiziu nas roças sempre enche o dia com pulos em plumas tão flutuantes de um azul muito metálico: dia, dia, tiziiuu, dia, dia, tiziiuu!... meu canto é palco elástico tiziiuu!... figura corda imaginária sempre puxa ao galho o salto preso ao chão das roças, preso ao chão das roças, meu dia dia tiziiuu, tiziiuu!...

Nem tal dia demorado

assim, crianças vendo cenas tiziu, (já não eram alegres?!). piavam seus cantos revoavam em círculos pai e mãe e desespero espantoso... uma víbora sinuosa pelo chão ao pé do ninho vem e vem... precisa, e lambe, lambe o ar, sinuosa cobra, lambe, lambe o ar, sinuosa cobra, enrosca-se ao ar, torce arbusto ao ninho, enrosca-se vagar, lambe o ar um pouco em pouco sente o quente em sangue vivo do dia ao sol ensolarado, dos pássaros em voos socorro

socorro!... nos seus pios e gritos tizziiiu, tizziiiu, tizziiiu!...: num alvoroço socorro, alvoroço socorro tizziiiu, tizziiiu, tizziiiu: desce, senhor, ao seu jardim Fatum.

O sol clareou novamente, não ouvimos mais seus cantos tizziiiu, por hoje.

Por hoje, as crianças foram à escola e estudaram

no livro o ponto sobre as fábulas das grandes conquististas dos homens. Histórias de fortes gerais, tão impensadas que tinham força de ação, presente, força de rasgar o livro. A desse ponto foi a de um General que saiu das páginas da obra Os Sertões, de Euclides de Cunha. E posado que estava no centro

da sala de aula, disse firme, preciso e forte retumbante aos alunos e Professor: "Amanhã vamos batê-los na sua cidadela de Canudos. A pátria tem os olhos fitos sobre vós, tudo espera da vossa bravura." E vibrou horrores de artilharia, canhões, homens baionetas descendo do Morro Monte Santo, choveu fogo

sobre o chão que o tornou puro sangue vivo em meio alvoroço socorro e salmos e cantos do dia ao sol ensolarado: desce, senhor, ao seu jardim Fatum!

E o sol clareou novamente, nunca mais vimos Canudos, mas podemos ouvir seus cantos e salmos em Fábulas.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalin (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020).

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalin de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalin (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalin, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

COVID19

SIGA AS RECOMENDAÇÕES DAS AUTORIDADES DE SAÚDE

PREVINA-SE:



LIMPE



USE



DISTANCIE



HIGIENIZE

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha) Monte Sião - MG CEP 37580-000

DELTA FOTO
Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C-Monte Sião

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Baixo) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
@dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

O TANQUE DO AFONSO

L. A. GENGHINI

O fim do ciclo do café e a emigração para o norte do Paraná esvaziaram Monte Sião na década dos 50 e até dos 60⁽¹⁾. A cidade ficou triste e pobre. Nada a ver com esta Monte Sião que conhecemos hoje, embora em alguns aspectos fosse melhor. Todo mundo se conhecia e a molecada se juntava para as brincadeiras de rua, algumas mais inocentes outras mais arrojadas.

Eu comecei a frequentar o grupo escolar em 1960. Embora fosse moleque da roça e pouco enturmado na cidade havia circunstâncias em que a gente se agrupava para as aventuras (anos mais tarde ao ler “Os meninos da Rua Paulo” de Ferenc Molnár, húngaro que chegou a morar alguns anos no norte do Brasil pude observar que, reservadas as proporções e características locais, todos os moleques

do mundo realizam suas aventuras).

Em Monte Sião as brincadeiras da molecada eram nadar nos riachos (Tanque, Afonso, Usina e, para os mais velhos, a Cachoeira do Coqueiral), as brincadeiras de quarteirão que eram perseguidas pelo inspetores de menores, futebol no campinho (atrás da igreja, onde hoje fica o prédio da prefeitura) ou no campão, atual Estádio Antonio Oswaldo Bernardi, guerra de batatão (no meio das moitas de flor bastão de São José ou Lírio do Brejo, que chamávamos de biri) que ficavam ao lado do campão às margens do Ribeirão do Afonso e roubar jabuticaba da chácara do Vitoriano e de outras. Na temporada de manga se organizavam expedições para os Sítio do Luiz Fávero e do Sebastião Genghini (meu pai) em busca de sacoladas de mangas rosa e espada.

Creio que eu tinha uns nove ou dez anos e num determinado dia não houve aula. Do lado de fora da escola a turma se reuniu e logo decidiu ir nadar no tanque do Afonso. O tanque do Afonso ficava na proximidades de onde é o Trevo, perto da Helou, antes do sítio do Nenê da Alice. Naquele tempo a gente saía da cidade e andava um tanto pelas trilhas no meio do pasto até chegar num poço rasgado pela enchente: o famoso (entre a molecada) tanque do Afonso. Acho que estávamos nuns seis ou sete. Me lembro dos filhos do Lupércio Machado, o Belo e o Leonel. Chegando lá todos tiraram as roupas, literalmente, começaram a nadar, a mergulhar, com tamanha destreza que me pareceu natural, tudo aquilo, até que eu, na timidez de quem nunca havia tentado nadar, resolvi tirar a minha roupa também e realizar as

minhas proezas aquáticas. Tirei a camisa e acomodei -a sobre a grama, a calça, já estava descalço e tirei também do pescoço o barbante de saco com a medalhinha de Nossa Senhora Aparecida que havia ganhado em um caixinha de surpresas comprada na padaria do Pedro Galbiati.

Eu, nu como a natureza me trouxe ao mundo, assim como todos, me arrastei um pouco na água e me deitei, deixando que a água fizesse o resto... e fez. Fui ao fundo, bati com a barrega no chão e me levantei meio zozno... nunca mais esqueci do ruído estranho da água em nossos ouvidos quando mergulhamos. Me restabeleci e olhei em volta, a molecada na maior festa, mergulhos, braçadas em estilos diferentes e gritos eufóricos. Me animei e deitei novamente para aprender a lição definitiva de que não basta só o

querer, tem que saber, e fui ao fundo novamente. Levantei-me trôpego e meio sem jeito fui saindo para a grama para vestir a roupa e ficar observando a turma. Só vim aprender a nadar anos mais tarde no tanque do Gustinho Genghini no bairro dos Alves (existe até hoje), uma espécie de piscina pública para onde acorriam muitos moradores de Monte Sião todos os finais de semana.

Não me lembro como ou quando saímos de lá, mas eu estava tão grogue que perdi a minha medalhinha de Nossa Senhora (coisa que eu lamento até hoje). A maior lição que tirei do episódio e acabou me influenciando pela vida é que habilidade e destreza não são natas, a gente tem que aprender e treinar muito, aperfeiçoar todos os dias. Os meninos que desfrutavam da alegria da água já tinha cumprido a etapa da

aprendizagem, estavam no quesito aperfeiçoamento, portanto se divertiam mais do que se cansavam. Eu, no estágio zero da aprendizagem, aprendi que para aprender são necessários sacrifícios e que não se podem queimar etapas.

Estou contando esta passagem para homenagear e molecada de meu tempo que certamente aproveitou todos os elementos citados e se alguém estiver lendo essas palavras resgatou doces lembranças e esboçou largos sorrisos de recordação! Até qualquer hora Pessoal!

⁽¹⁾ Há 60 anos no Monte Sião – Números Assustadores, Edição nº 65, 15/12/1960, revisitada na Edição 582 de Dezembro de 2020.

Mais respeito com o português - No. 27

ISMAEL RIELLI

Não orna pra quem se mete a corrigir, comentar, criticar agressões ao nosso idioma, cometer erro de grafia, trocar S por Z.

Na edição anterior, quando enalteci as belezas de uma horta, pela rapidez do crescimento das hortaliças, escrevi que a alface e a chicória em pouco tempo ganham novas e mais novas folhas, transformando-se, AZINHA, em saborosos chumaços.

Inspirado pelo saudoso mestre Ivan, que em suas saborosas crônicas, às vezes, empregava alguma palavra mais esdrúxula, seguida de um (eta nós) entre parênteses, também plantamos algum termo que um vivente de 80,90 anos, entrega a alma ao criador sem empregar-lo, ou ouvi-lo uma única vez. Quanta gente vive uma vida com vocabulário mingado e vive feliz, apesar de que, consultar o pai dos burros não é demérito pra ninguém.

Que diz mestre Aurélio? Asinha com S, não com Z – advérbio antigo = depressa, com brevidade variação aginha.

Mil desculpas

Queridinha junto a mim Em teu peito põe a mão: Verás bater dentro dele Junto ao teu, meu coração.

É como disse mestre Graciliano “a gente não é rapadura, pra sair tudo igual”. Dom Quixote já dizia: “cada uno como Dios le hizo, y aun peor muchas veces”

Cada um como Deus o fez e ainda pior muitas vezes.

Entre as folhas de livros usados, às vezes, encontramos coisas interessantes.

Notas de cem dólares ou mesmo lobos guarás são mais vasqueiros.

Trasantontem encontrei esse texto que me permito transcrever.

HOSPITAL DO SENHOR

Fui ao Hospital do Senhor, fazer um “check-up” e constatei que estava doente. Quando Jesus mediu minha pressão, verificou que está baixa de ternura. Ao tirar a temperatura, o termômetro registrou 40 graus de egoísmo. Fiz então um eletrocardiograma e foi diagnosticado que necessitava de uma ponte de amor, pois minha veia estava bloqueada e não estava abastecendo meu coração vazio.

Passei pela ortopedia, pois estava com dificuldade de andar lado a lado com meu irmão e não conseguia abraça-lo, por ter fraturado os braços ao tropeçar na minha vaidade. No exame oftalmológico, constatou-se miopia, pois não conseguia enxergar além das aparências, queixei-me de não ouvi-lo e diagnosticou-se bloqueio, em decorrência das palavras vazias do dia a dia.

Obrigado senhor, por não ter me cobrado a consulta e pela sua grande misericórdia. Prometo-lhe, ao sair daqui somente usar remédios naturais que me foram indicados e que se encontram no receituário do teu evangelho. Vou tomar diariamente ao me levantar, uma xícara de agradecimento; ao chegar ao trabalho, beber uma colher de sopa de bom dia! E hora em hora um comprimido de paciência tranquila. Agindo assim, tenho certeza de que não ficarei mais doente e todos os dias serão de confraternização e solidariedade.

Prometo prolongar este tratamento preventivo por toda a minha vida, para que, quando me chamar, seja por morte natural.

Obrigado senhor, e perdoa-me por ter tomado teu tempo.

Menininha, minha menina,
Meu caroço de dendê,
Se eu fosse rapaz solteiro
Me casava com você.

O histriônico do Jânio Quadros passou pra história com algumas frases, aparentemente, estapafúrdias.

Fi-lo porque qui-lo.
Bebo porque é líquido,
fosse sólido comê-lo-ia.

Português escorrito para um professor de português. Especialista em mesóclise, anos depois, tivemos o mestre da felonía - Temer.

José de Nicola e Ernani Terra no livro “1001 dúvidas de português” são sucintos e precisos ao tratar do verbo QUERER:

Verbo que muda a regência dependendo do sentido em que for empregado. No sentido de “desejar”, pede complemento sem preposição. No sentido de “estimar”, “ter afeto”, pede complemento com a preposição A.

Atenção para o emprego de pronomes oblíquos como complemento desse verbo: no sentido de “desejar”, utilizarmos as formas oblíquas -O,-A,-OS,-AS; no sentido de “estimar”, as formas -lhe, -lhes.

Perguntado se queria os livros, respondeu prontamente:
- sim, quero-os.
Perguntado se queria a seus amigos, não hesitou em responder:
- sim, quero-lhes.

Qui-lo: não há erro algum nessa forma verbal seguida de pronome.

Os verbos terminados em

R, S ou Z, quando seguidos do pronome oblíquo átono O (A, OS, AS), perdem a última letra, e o pronome assume a forma LO (la, los, las).

Amar + a = amá-la
Quis + o = qui-lo
Fez + as = fê-las
Fiz + o = fi-lo

Bate, coração, bate,
Arrebenta-me este peito...
Como cabem tantas mágoas
Num espaço tão estreito?

Mais algumas frases francesas, muito usadas por aqui – galicismos:

Ils sont trop verts – elas (as uvas) estão muito verdes, disse a raposa na antológica fabula de La Fontaine, citadas ironicamente, quando alguém, não podendo alcançar um objetivo, declara desistir dele, com uma desculpa esfarrapada.

L’Etat c’est moi – o Estado sou eu disse Luís XIV, rei da França, que resume o princípio da monarquia absoluta. Por aqui, dia desses, o capitão reformado afirmou “eu sou a Constituição”.

Le roi est mort, vive le roi. O rei morreu, viva o rei.

Frase tradicional francesa dita após a morte do rei, se proclamava o novo monarca. Usa-se para aludir à ingratidão dos homens, que logo esquecem um líder, um chefe e procuram outro.

Lingerie – roupa branca de senhora.
Littérature engagée – obras literárias em que o autor toma posição em relação a problemas políticos e sociais – comprometida.

Tenho o coração magoado,
Coberto de cicatrizes:

é como roçado novo queimado e cheio de raízes...

Nada tenho pra te dar
Do jardim deste meu peito:
Se queres meu coração,
Mete a mão, tira-o com jeito

Mais um pouco de Ary Toledo:
No tribunal:
- O senhor não trouxe seu advogado? – pergunta o juiz ao réu.

- Não, meritíssimo! Eu não tenho advogado. Resolvi que eu quero falar a verdade.

O português e o pastel:
O português chegou lá na pastelaria e pediu:
- Por favor, o sinhora tem um pastel quentinho?
E o balconista:
- Ele saiu agora mesmo!
- E a que horas ele volta?

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY *Textil*
Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindoia/SP
(19) 3824.2499
(35) 99138.0307
Trabalhamos com remalhadeiras “Complet” novas e usadas
- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiros para remalhadeiras
- Bobinas e seletrores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

105
AUTO PEÇAS
vivo
9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

SEGURANÇA
CATINI
ELETRÔNICA
Ligue: (19) 3824-5421 (19) 3824-1094
Venda e instalação de Alarmes Monitorados e convencionais
CFTV - Cerca Elétrica
Locação de equipamentos
Monitoramento Via Rádio, Internet e Linha Telefônica.
Solicite um Orçamento sem compromisso!
Av. Monte Sião, 3333 - Loja 20 - Shopping Uniminas Águas de Lindoia - SP - www.catinisegurancaeletronica.com.br

HÁ 63 ANOS NO MONTE SIÃO

Publicado em 15 de janeiro de 1958 — Edição nº 01

Sairam Finalmente os Dois Milhões

Os trabalhos de refôrço do Abastecimento d'Água da cidade serão iniciados o mais breve possível — Declara o Prefeito.

Ao sabermos que de acôrdo com o convênio firmado em 6 de novembro de 1957 entre a Prefeitura de Monte Sião e o Ministério da Saúde, «objetivando a execução dos serviços de abastecimento d'água na séde da estância hidro-mineral de Monte Sião», já haviam chegado os dois milhões mencionados na cláusula quinta, fomos procurar o senhor Prefeito, Mario Zucato, que nos recebeu com um vasto sorriso.

—Sim, é verdade, declarou S. Excia. Agora iniciaremos os trabalhos o mais breve possível.

E mostrou-nos o cheque do Banco de Crédito Real de Minas Gerais cujo numero tivemos a curiosidade de anotar: 319 876.

Perguntado sôbre a maneira como serão executados os serviços, respondeu-nos Sua Excia. que o projeto visa uma reforma no

atual serviço de abastecimento e uma nova captação a ser feita no alto do morro Pelado. Tudo, inclusive a desapropriação, já está previsto e cabe perfeitamente dentro dos dois milhões

Terminando Sua Excia. declarou que, em nome do povo, fazia em público agradecimento ao deputado federal Uriel Rezende Alvim, sem o qual não se teria conseguido a subvenção.

APRESENTANDO...

É com prazer que damos ao público essa primeira edição do jornal da Sociedade dos Amigos de Monte Sião, que é também o jornal de todos os montessionenses. Ainda de fraldas, com cara de garôto travêso, o Monte Sião é sério, porque já nasceu assim. Ambicioso, com a cabeça cheia de idéias de grandeza, não quer seguir o rumo tomado por muitos dos seus irmãos, quer ser um Jornal com j maiusculo, um órgão indispensável para o perfeito funcionamento de nossa sociedade, uma leitura imprescindível em todos os lares, um veículo de informações, conhecimentos e diversões, que sirva dos 8 aos 80...

Assim sendo, para que o leitor tenha uma idéia exata do nosso escôpo, aqui estão os «nãos» e os «sins» que nos orientarão:

NÃO nos interessaremos pelo lucro, de modo que procuraremos sempre melhorar mais e mais nossas edições, à medida que for aumentando o numerário.

NÃO adotaremos o sistema da tesoura e da cola, isto é, só prestaremos informações locais, genuínas e colhidas em primeira mão.

NÃO cuidaremos de política—o maior dos males dos jornais do interior—porque respeitamos as opiniões de todos e entre os nossos próprios redatores há os que não seguem política alguma, os situacionistas e os oposicionistas.

NÃO pactuaremos com pessoa ou sociedade alguma, escondendo noticia que nos tenha chegado ao conhecimento, desde que seja do interesse geral.

SIM, estudaremos os problemas de nossa terra, apontaremos seus defeitos, indicaremos, se possível, o caminho a seguir para que o progresso seja sempre uma realidade.

SIM, divulgaremos, dentro de nossas possibilidades, a cultura, artistica, ou científica, sempre visando o interesse do leitor, cujas solicitações atenderemos com a máxima presteza.

SIM, procuraremos dar oportunidade aos principiantes. Nossas páginas desde já estão abertas à colaboração de todos, mas avisamos que nada esteja em desacôrdo com os ideais da S. A. M. S. será publicado.

Resumindo: Monte Sião segue o mesmo programa da Sociedade, e nem poderia ser de outra forma, de modo que suas normas diretivas estão traçadas nos Estatutos daquela, os quais, oportunamente, serão aqui expostos.

Pela sinceridade com que nos apresentamos, pelo nosso ideal puro, pelo nosso amor à verdade e à cultura, esperemos que você não nos desampare, amigo leitor, e venha de quinze em quinze dias ouvir nossas palavras.

E nada mais temos a dizer, a não ser que usemos a velha praxe de nos desculpar-mos pelos defeitos da primeira edição: erros de revisão, de imprensa, de paginação, etc. Mas, como todos sabem que o nosso aparecimento foi um tanto brusco, essas escusas são desnecessárias...

MONTE SIÃO

Órgão Patrocinado pela S. A. M. S.

ANO 1	MONTE SIÃO, 15 DE JANEIRO DE 1958	N.º 1
-------	-----------------------------------	-------

O que é a S. A. M. S. e como funciona

A Sociedade dos Amigos de Monte Sião é uma sociedade local, não filiada a quaisquer outras instituições, completamente independente, portanto. Seus fins não são econômicos, pois se destina a trabalhar pelo Município, a difundir a cultura e a auxiliar, na medida de suas possibilidades, só ou em colaboração com quaisquer outras instituições caritativas, os mais necessitados. A admissão dos associados, chamados «amigos» é feita somente após a aprovação da Assembléia Geral. Existem três espécies de sócios: os beneméritos, os contribuintes livres e os contribuintes, que são os que tomam parte na Assembléia Geral.

A exclusão de associados é da competência da Diretoria, de cujos atos entretanto cabe recurso para a A. G.. De acôrdo com os Estatutos, serão excluidos os sócios:

- 1—cujo procedimento se tornar incompatível com a dignidade de cidadão;
- 2—que habitualmente levantar questões de raça, profissão, religião ou politica durante as reuniões ou no recinto em que estas se realizarem.
- 3—que procurar influenciar as decisões da A. G. valendo-se de prestigio politico, racial, profissional ou religioso.
- 4—que violar os Estatutos.
- 5—que não comparecer, sem motivo justificado, a três reuniões consecutivas da A. G., quer ordinária, quer extraordinárias, e
- 6—que atrasar por mais de seis meses o pagamento de sua contribuição.

A atual diretoria está assim constituída:

- Presidente—Antonio Marcello da Silva
 1.º Vice Presidente—Mário Zucato
 2.º Vice Presidente—Geraldo Antonio Cardoso de Meneses
 1.º Secretario—Waldemar Gotardelo
 2.º Secretario—Arlindo Zaroni Filho
 1.º Tesoureiro—Adolfo Geraldo Mantovani
 2.º Tesoureiro—Segismundo Gotardelo

Esta Diretoria, no entanto, é provisória, devendo deixar a direção em fevereiro, quando será eleita a definitiva, cujo mandato expirará em fevereiro de 60.

A principal característica da S. A. M. S. é que todos os membros tomam parte ativa em suas decisões e realizações. Nada se faz ali, nenhum centavo é gasto, sem a aprovação de pelo menos dois terços de seus amigos. É por este motivo, é visando a maior frequência possível, que nossas reuniões se efetuam após um jantar que, além de ser um motivo de satisfação para o associado, torna-se também uma espécie de charmarisco.

Assistimos a uma reunião:

Após o jantar o Presidente, verificando estar presente o número legal de sócios, dá início à sessão, passando-se imediatamente à leitura das atas das reuniões anteriores da A. G. e da Diretoria. Entra-se depois na Ordem do Dia, Da qual constam a leitura de relatórios, pedidos de verba, apresentação de contas (inclusive a do jantar da noite), devendo tudo ser votado pelos circunstantes após a discussão de praxe. Esgotada a Ordem do Dia, é franqueada a palavra aos oradores, inscritos ou não, para a apresentação de sugestões, proposição de novos sócios, etc. Suponhamos que um amigo apresente determinada sugestão, acompanhada do corolário de razões em que se firma. O

A CIDADE

Dizem os poetas—Ha! os poetas, que liberdade de expressão sabem usar!—que as cidades se assemelham a mulheres, na sua graça, na sua louçania, na sua atração.

Certo é que os nela nascidos as têm como mães e, presos aos laços desse parentesco e acostumados aos seus encantos, não lhes percebem, exatamente a feminilidade.

Não falaremos aqui dos incóntentaveis, dos que torem o nariz a tudo, pretendendo encontrar em nossas pequenas cidades Moichos Vermelhos tipo Paris ou cousas mundialmente famosas como a Torre de Londres.

Mas, os que olham as cidades com olhos de poeta, esses sim, sabem sentir a alma das cidades. Chegam a compreender o encanto da vida rotineira. E aquele convívio diário entre sempre as mesmas pessoas que, no começo é um hábito e depois se torua uma necessidade tão exigente como o alimentar e o respirar.

Tal convívio é a alma das cidades e sejam elas Nova Iórque, Londres ou Jacarépaguá, sempre há os círculos de amigos que se reúnem em determinado ponto para o bate-papo, para o aperetivo. E quanto mais cordial é esse conviver, mais feminina será a cidade. Assim Monte Sião. Vemo-la como é: não é rica. Mesmo nos seus dias de grande gala não nos surge ostentando brilhantes e pedrarias duma iluminação decente. Contenta-se em exhibir os berlóques e ouropéis que nos fornecem Ramalho & Zucon.

(Continua na ultima pagina)

Presidente convida os amigos que não concordam com a sugestão a apresentarem objeções. Depois emite sua própria opinião e submete o caso à votação. Se for aprovado, a Diretoria cria a Comissão destinada a estudar o assunto, elegendo seus componentes e marcando-lhe prazo para a apresentação do relatório. Posteriormente, verificada a necessidade e a oportunidade da sugestão, a comissão de estudos é transformada em executiva, se se saiu bem, ou então é designada uma outra para exercer este mandato. As comissões são compostas de cinco membros e, ao serem criadas, contam com uma verba votada no mesmo dia. Mas, assim mesmo, junto ao relatório devem prestar contas, pelas quais os comissionados são responsáveis.

Terminados os trabalhos, o Presidente, agradecendo o comparecimento dos amigos, pede-lhes que assinem o livro de presença, dando por encerrada a reunião.

Os jantares da S. A. M. S. são exclusivamente para os sócios contribuintes, mas as reuniões são públicas, podendo qualquer pessoa assisti-las, embora, como é de se esperar, não possam tomar parte nas discussões nem nas votações.

Assim sendo, convidamos a todos os montessionenses a que venham assistir às nossas reuniões, que se realizam às segundas segundas-feiras de cada mês.

MONTE SIÃO

Notas Teatrais de 1957

Durante o ano que findou foram seis os espetáculos teatrais a que os montesianos tiveram oportunidade de assistir...

Edital de Praça

O Dr. Geraldo Antonio Cardoso de Menezes, Juiz de Direito da Comarca de Monte Sião, Est. de Minas Gerais, na forma da lei, etc.

Para as suas compras de Bebidas procure o Depósito de Bebidas

de Zucato Filho & Comuna Representações: Produtos da Cia. Antartica Paulista, Cervejaria Caracé, Batidas Pernambucanas...

A cata mil e cem

Foi o que aconteceu em Juituí. O pai, sentindo-se velho e doente, resolveu fazer uma cata mil e cem...

O Professor Everaldo mostrou-se a seguir em dois espetáculos no Grupo Escolar e outro no Cine Brasil...

Em agosto tivemos a visita de um novo professor. Tratava-se então de um hipnotizador que em poucas sessões conseguiu a atenção do povo...

Quando ao grupo de Jacutinga, que nos visitou em Outubro, sentimos bastante mas não fomos elogiados como os agraciados...

Quando ao grupo de Jacutinga, que nos visitou em Outubro, sentimos bastante mas não fomos elogiados como os agraciados...

O Juiz de Direito (a) GERALDO ANTONIO CARDOSO DE MENEZES José Teofilo de Miranda

Marcos Milward de Miranda ADVOGADOS

Da Associação Rural de Ouro Fino Dr. Ciro Gonçalves, 190 Tel. 223 OURO FINO MINAS GERAIS

Encerrando o ano teatral de 1957, assistimos, no dia 21 de dezembro p.p., no Cine Brasil, o interessante espetáculo de moda infantil...

O Festival, organizado e dirigido por D. Lillian M. Silva, considerando a inexpressiva e pouca idade dos pequenos participantes...

Os melhores números, a nosso ver, foram: "Tourelas", magistralmente interpretado por Idália Francisco; a batucada "Vivem à Luz"...

O animador Norberto Comuna saliu com umas "barulhadas" que causaram hilaridade, mas, com bastante espírito conseguiu transformar tudo em brincadeira.

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

O Natal da Criança Pobre

No dia 25 de dezembro do ano findo foram distribuídos às crianças pobres das paróquias variados brinquedos confeccionados pela comissão Pró Natal (Pascoal), José Bassi, José Gutrelli, João da Costa Pereira e Gerardo Mariano Silva...

Embora tenham sido entregues 750 cartões, somente 450 crianças vieram buscar seus presentes...

Muitos brinquedos foram vendidos para saldar os débitos da comissão, que não precisou valer-se dos cofres da sociedade...

Aproveitemos o ensejo para apresentar aqui os agradecimentos da comissão Pró Natal aos sr. Flávio Monteiro, Gabriel Pereira da Silva e Horácio Joani Canela...

A Campanha do Trânsito

De acordo com resolução da Assembleia Geral da S. A. M. S. foi criada, no mês de novembro, uma comissão composta dos amigos Renato Bueno, Benedito Comuna, Lourenço Gutrelli Jr., José Gutrelli e Ramiro Gureli...

No reunião de dezembro esta comissão apresentou um substancial e bem elaborado relatório, concluindo pela necessidade de tal campanha...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

Abriam uma cata, entre uma casaca de pedras, aspecto e ainda por futuro O balano, entendido da matéria, riam gostoso...

A Biblioteca

Visando dar uma Biblioteca ao povo, a Assembleia Geral da S. A. M. S. aprovou o parecer que fosse criada uma comissão de estudos para analisar o problema.

O relatório definitivo desta comissão ainda não nos veio às mãos. Entretanto, pelo que temos ouvido por aí, a biblioteca será fundada mesmo, observadas as seguintes condições:

1—será municipal, pois assim contará com o auxílio do Instituto Nacional do Livro (800 volumes no início e mais 500 por ano).

2—o sr. Prefeito solicitará à edilidade a verba especial de Cr.\$ 200,000 para a manutenção, sem a qual não é possível o acordo com o I. N. L.

3—ainda pelas normas do I. N. L. a administração da Biblioteca compete a uma sociedade de amigos da mesma, o que, como é de se prever, ficará a cargo de membros da S. A. M. S.

No próximo número, provavelmente, poderemos dar aos nossos leitores informações mais exatas sobre esta realização importantíssima da nossa Sociedade.

EDITAL N.º 1 Coletoria Federal em Monte Sião Ministério da Fazenda

A Coletoria Federal em Monte Sião avisa aos contribuintes do imposto sindical que de conformidade com o regulamento da Lei n. 1293 de 27-12-950 com as alterações introduzidas pela lei n.º 2584 de 1-9-955...

Negócio de Ocasão Vendem-se 50 alqueires de terra de 1.ª qualidade, localizados no bairro denominado "Guardinha", deste município, distante 9 quilômetros da sede municipal...

Casa de Móveis Redentor A Maior de Organização da Zona MOVEIS DE TODOS OS TIPOS E ESTILOS - RADIOS - BICICLETAS - GELADEIRAS - MAQUINAS DE COSTURA "SINGER" POR APENAS CR.\$500,00 MENSALIS - ETC.

J A P I

Conta de A. M. SILVA Era hábito antigo: quando assim para suas viagens, o cachorro costumava acompanhá-lo saltitando e latindo ao lado do cavalo...

Só, seu filho não tinha, tendo apenas uma preta velha a relar por si, já surda e resmungosa, era o cachorro o único a dar-lhe um pouco de carinho...

Salteante, lá se ia o cachorro, acompanhando-o pela estrada. Subiam o morro, quando desceu do outro lado, olhava para trás, certo de ver o Japi lá em cima, sentado nas patas trazeiras, a segui-lo com um último olhar...

—Pois é Japi, ganhei uns bons colares e batia na bola rechada com a venda de umas rétas do Bernardino, aquele fazendeiro lá do Barbaçal. Boa gado, muito bom mesmo.

—Tirava o cachimbo da boca. (Era jovem ainda—uns trinta anos)—Donita, a filha do Bernardino—contava, botando o cachimbo na boca novamente, os olhos no céu—muito bonita mesmo.

—E o cachorro, habitando que estava às conversas do amo, escutava com atenção e saudade a cauda, aprovava ou não. Às vezes até para dar mais força à sua opinião, costumava latir um pouco, o que muito alegrava o dono: —Qual, seu cachorro, parece gente!

—E tirando o cachimbo da boca: —Parece gente mesmo! Assim era sempre e sempre assim foi...

Naquele dia estava um pouco mais alegre. Ajeitado junto ao velho baú, associava "Meu coração é só seu, filho, cachorro", enquanto ia passando as notas de mil, que ele não era trouxa de guardar dinheiro mindo para a grande bolsa de couro, companheira inseparável de suas sortidas.

Quando nada mais havia no baú que devesse ser passado para a bolsa, fechou-o com cuidado, levantando-se, estirando as costas, chegou-se à janela, "cheirando" o ar: —Vamos ter chuva, Japi, muita chuva mesmo.

Lá fora o cavalo já arreariado, esperava o pai dele. Apanhou a "espanhola" e meteu uma garrucha de dois tiros na cinta. —Grande negócio... Até logo, Sá Rita! Não esperem a resposta pois sabia que esta não viria. —Grande negócio, Japi... (Continua na última página)

MONTE SIÃO

J A P I

Prendem a capa e a bolsa no arçã. Atraiam mais uma vez a cabeça do cachorro e montou, Mas, fosse porque alguma mutua o placasse, fosse porque o dono o espantasse sem querer, o fato é que o cachorro não quis ficar quieto e obediente, sumou como uma ovelha...

Ele porém era bom cavaleiro. Dominou-o quando começava a subir o morro e parou para esperar o Japi, acompanhado de sua esposa, fora deixado para trás. Chegou-se o cachorro, mas, olhando-se frente ao cavalo, começou a latir não o latido alegre de sempre, mas assim como se quisesse dizer alguma coisa. Isto mesmo, parecia querer dizer algo.

—Man, mau, muito mau mesmo. Fez menção de partir, mas Japi não saiu do lugar. —Passa, Japi, passa!

Perdeu a paciência e esporeou o cavalo. Japi não o largou, porém latindo mais e mais, arregandose, olhos brilhando. Chegou a perceber-lhe a espuma nos cantos da boca: —Este cachorro ficou louco!

Levantou o rebecque e Japi saltou-lhe ao braço, mordendo-o, ainda que de leve, sem querer ferir-lhe talvez. Mas foi o bastante: puxou da garrucha e atirou duas vezes no pequeno animal que, com um triste e prolongado grito, caiu, o sangue empacando o chão. Apeou e aproximou-se. Vendo o Japi procurar ler-lhe a mão se estava por lavar-se de sangue. Consequendo-o foi-se arrastando em direção à casa. Como o resorso a oprimir-lhe o coração, seguiu-o.

Percebia-se que era tremendo o esforço que o cão fazia para se mover. Entretanto, parecia guiá-lo uma grande força de vontade. O caminho que fizeram antes em poucos segundos, percorreram agora em mais de meia hora, chegando afinal ao lugar onde o cavalo refugiara.

Vencido pelas dores e pelo sangue que perdera, Japi deixou-se cair novamente, ofegante. Pensou que o cachorro fosse morrer, pois os olhos se tornaram opacos e vidrados. Foi um só instante porém. Como se de súbito tivesse recobrado a vitalidade, levantou-se Japi de um salto e meteu-se por um dos buracos de capim que ladeara a estrada. Era tão alto e espesso que desapareceu dentro dele. Passaram-se minutos e o dono, vendo que não tornava à estrada, afastou o mato com as mãos e o que viu arrancou-lhe as lágrimas e fê-lo saltar gritos de desespero:

No chão, a bolsa onde levava toda a fortuna, e, sobre ela, morto, Japi...

BAR DO CHOQUE SEGUNDO MARCELINO GOTARDELO Conservas, Doces Frios, Bebidas Nacionais e Estrangeiras. Agente da Shell, da E. R. Limited e do Expresso Brasil. Pr. Gor. Valadarez, 56/50 - Fones 3 - Monte Sião

CASA N. S. APARECIDA IRINEU BERNARDI Tecidos—Galados—Armarinhos, Etc. Das fabricas diretamente aos consumidores. Rua 15 Novembro nº 415—Monte Sião—Minas

Os homens-satélites

Si do peito dorido dos injustiçados. L'arrise unisóno um brado de revolta. E com eles se unissem em ódio os desgraçados. Que curiam a miséria com a riqueza em volta.

Si agrupas—lo peddessem e como escola. De seu interesse, destes rivos separados. Teriam por certo uma reviravolta. Contemplando dois quadros tão injustiçados.

Os hominis—satélites ingentemente. Cravilhando no dor do rios pointados. Descubrendo a força a eles aligados.

Si agrupados seriam então dominadores; Veriam o poder de vitas em curvados; Arrastando consigo as miserias e dores.

ARLINDO ZARONI FILHO

A CIDADE

Também não se veste a Jean Patou. Seu casario é velho, chora mingante de calhas furadas, lembrando as bustas antigas. De vez em quando a pobre coisa ramada de uma construção recente.

Sua instrução é mediocre, conseguindo a custo o curso primário num grupo escolar incapaz de receber a educação que as farmácias, pois, seu posto de estudo não tem médicos.

Memso assim, como é graciosa. —Falta-lhe trato, como sempre se diz.

Porisso Monte Sião ostenta, orgulhos, o belo gentil do seu bonte jardim-público. E nos faz respirar a fresca palmose de seu hálito puro, que não estes áreas sádias, cheios de areia. E nos faz pensar a sua lileonice tão linda, o pelado, as serras e montes que a circundam, de onde torra uma das mulheres suas mercês de todo o país.

E como Monte Sião é prestimosa! Com que zelo outis do seu campo de futebol! Que trabalharia para melhorar a sua educação! Que se preocupa com a sua lileonice, a velha e a nova como as chamamos, que nos atribuem o status de civilizados. E a sua solene e solida afirmação de fé expressa no ponto de exclamação da torre da sua Matriz:...

Esta a nossa Monte Sião. Modesta, pobre, cheia de problemas e serem resolvidos, mas, assim mesmo, encantadamente sedutora. E ávida do que se seu, guardo em si um incalculável valor e que torna tão grata e tão querida! O elemento humano que a anima!

MONTE SIÃO Publicação quinzenal Endereço: Rua 7 de Setembro s/nº—Monte Sião—Minas Geraes Propriedade Sociedade dos Amigos de Monte Sião

REDACÇÃO Redator Chefe Jairo Pimentel Estrangeiros Antonio Owaldo Bernardi Mario Zucato Filho e Antonio Francisco

ADVOCACIA EM GERAL Drs. José Pocal e Saulo Pocal. Escritório: R. 15 de Novembro, 433 Monte Sião—Minas

Pergunte o que quiser

Nesta seção, amigo leitor, estamos às suas ordens. Se você tem algum problema, se existe algo que ignore e deseja saber, consulte-nos. Seja qual for o assunto sobre qual versar sua pergunta, nós o atenderemos. Aqui estamos para esse fim e desde já lançamos um desafio aos estudiosos: A direção deste jornal dará Cr.\$ 200,00 a quem conseguir embarcarse nos (excetuando-se as adivinhações, OK?). Passemos então ao trabalho. Pergunta n.º 1—Por que o gato sai sempre sobre as quatro patas? Resposta: Diz a lenda que o gato adormeceu sobre a manga da túnica de Maomé e este necessitando afastar-se do local, cortou-a a fim de não perturbar o bichano. Ao voltar, o gato recebeu-o com uma profunda reverência de agradecimento e Maomé, encantado com sua delicadeza, alim de prometer-lhe um lugar no paraíso, passando-lhe por três vezes a mão sobre o dorso, concedeu-lhe o dom de só cair sobre as patas.

Mas, quando sério, esta habilidade do gato é levada ao extremo quando se equilibra sobre o dorso, no modo como são dispostos seus musculos e à dextreza com que consegue pô-lo em ação. O que ele faz quando sai é voltar-se sobre si mesmo, no ar, de tal maneira que suas patas venham a tocar o solo em primeiro lugar.

O sentido de equilíbrio é governado pelas canais semi-circulares, pequenos canais três em cada (ouvindo) cheios de um determinado líquido que permitem aos gatos (e aos animais em geral) distinguir o embauço no em cima o vertical do horizontal, permanecendo portanto em equilíbrio. Os cientistas afirmam que os homens poderiam também cair sempre sobre os pés se pudessem pensar rapidamente. Aliás, com a prática, podemos tornar os nossos movimentos quase instintivos e é por isso que os aorobatas, os lutadores de judô, etc., tem essa facilidade de cair sem se machucarem.

Pergunta no 2—Quantas estrelas existem no céu? Eis aqui, caros leitores, o tipo da pergunta que deixa a gente com a palpa atrás da orelha. Sem autor certamente pensa que galinha o prêmio, Mas enganase-se, porque nós sabemos, aproximadamente, quantas estrelas existem no céu, se com esta palavra ele quer-se referir a esta abobada que nos cobre as cabeças e ás estrelas que ali podemos ver a olho nu, isto é, sem auxílio de instrumento algum. Existem em todo o céu somente cerca de 9000 estrelas visíveis para uma pessoa que tenha bons olhos. Devemos lembrar-nos entretanto de que nós só vemos, ao mesmo tempo, n.ºa metade do céu pois estamos no hemisfério sul—o que nos deixa com apenas 4.500 estrelas. Destas podemos tirar umas 500 que se colocam mais ou menos à altura do horizonte, onde, devido à nebulosidade, não são percebidas. Assim, podemos responder: São cerca de 4000 as estrelas existentes neste céu que nossa vista desarmada abrange.

1957 — 1958 Alvarim Pires Couto Deseja ao seus amigos de Monte Sião Próspero e muito Feliz 1958.

Farmacia São Paulo Rua 13 de Maio, 75 — Telefone 148 Socorro—Est. São Paulo

Água Mineral Natural de Monte Sião...EM CADA COPO UMA DOSE DE SAUDE... Distribuidores: Zucato & Cia Ltda. MONTE SIÃO MINAS GERAIS

Em comemoração aos 63 anos do Jornal Monte Sião, publicamos esta íntegra a sua primeira edição, com quatro páginas. Agradecemos e parabenzizamos a todos os colaboradores do passado e do presente por fazerem parte desta história, e agradecemos também aos nossos leitores, para os quais produzimos este mensário com carinho e dedicação!

A SAGA DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE MINAS – O caso da família Genghini

L. A. GENGHINI

Pela Editora Book Express, de São Paulo, conseguimos realizar a impressão de um milheiro de volumes do livreto “A SAGA DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO SUL DE MINAS – O caso da família Genghini” de autoria de Edna Barberato Genghini e Luiz Antonio Genghini. O conteúdo baseado em fatos históricos e documentos é resultado de uma pesquisa monográfica realizada para participar do IX Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais, cuja apresentação ocorreu na cidade de Andradas, entre os dias 19 a 21 de setembro de 2019.

Além do texto, fundamentado em pesquisas, relatando a linha do tempo entre o início da emigração italiana ao Brasil até a chegada da família a Monte Sião, o período de adaptação e o desenvolvimento, chegando à citação dos patriarcas, dos filhos, netos e bisnetos, o livro

foi enriquecido com os contribuições de Ivan Mariano Silva, José Ayrton Labegallini e de Lúcia Gottardelo, do Circolo Italo Brasileiro de Monte Sião e da Fundação Pascoal Andreta, e de Heloísa de Lucca Nobre Coppola, psicóloga e especialista em estudo e terapia familiar.

O livro deveria ser lançado em Monte Sião durante o evento de premiação do concurso de poesias “Fritz Teixeira de Sales” promovido anualmente pela Fundação Pascoal Andreta, porém a pandemia o impediu. Depois iríamos distribuí-lo aos familiares na GENGHINADA em julho/2020, mas, pela mesma razão, o evento foi suspenso e realizado on line em reunião digital por intermédio do aplicativo ZOOM, fato que facilitou a presença de Genghinis da Itália, da Argentina e do Brasil, mas impediu a entrega dos livros.

Diante das dificuldades não restou outra alternativa senão usar os correios, que resolveram entrar em greve

exatamente no período da postagem. Ainda assim conseguimos enviá-los para os Genghini da Itália e do Paraná. Nas proximidades de São Paulo o jeito foi pegar a estrada, assim em São Paulo, Itatiba, Campinas, Sorocro e Monte Sião levamos os exemplares em mãos e deixamos para que os primos se encarregassem da distribuição.

Naturalmente ainda temos certa quantidade de volumes que podemos disponibilizar a parentes ou a outros interessados.

A experiência da pesquisa genealógica emociona e cativa. Estou nesse campo de interesse há uns vinte anos e essa jornada já me levou a conhecer familiares da Argentina e eles também já vieram nos visitar nos Brasil, nos levou à Itália onde conhecemos a região de Rimini, Monte Colombo e Monte Escudo, de onde vieram nossos antepassados no mesmo navio que outros monte-sionenses, e lá fo-

mos muito bem recebidos pelo primos Orazio, Pier Paulo, Rosa Ana, Roberto e seus familiares. Não fosse a pandemia, este ano teríamos recebido a visita de primos italianos, projeto adiado, por enquanto. Outra experiência decorrente da pesquisa é o Encontro anual da Família Genghini, ou Genghinada, que a cada último domingo de julho reúne o pessoal para matar a saudade, beber vinho e contar papo.

Este ano de 2020, no X Seminário da Imigração Italiana em Minas Gerais a nossa prima Bianca Genghini Candido também desenvolveu pesquisa e apresentou um painel no evento.

Como já afirmei, a pesquisa genealógica é estimulante e espero que a partir do ponto onde paramos cada ramo da família encontre jovens pesquisadores para dar sequência na documentação de nossa história.

Ao encerrar este comentário não posso deixar de cumprimentar o primo Shir-



ley Pereira, neto de Ernesta Ermínia Genghini Gottardelo, que nos incentivou e contribuiu com informações

logo no início de nossa missão.

O time do coração

ZUCA

Às vezes não tem explicação. Independe de origens, laços e até crenças. Não é escolher um time para torcer, é ser escolhido para torcer por ele.

Posso dizer sem dúvidas, que sou totalmente Corinthiano desde os meus 5 anos de idade. Tenho muito clara a lembrança do exato momento em que tudo aconteceu.

Talvez eu pudesse ter me tornado um palmeirense, pelas minhas origens, pelos tantos parentes palmeirenses, meu avô Peri (o vô Zilin, mais fanático, já não estava com a gente) e principalmente pelo Fer, meu irmão mais velho, que falava de uma tal de academia verde. Ou poderia ser vascaíno, para acompanhar meu pai, que pra ser do contra seguiu o Seu Totônio (saudo-so Antônio Francisco) que era chefe dele quando começou trabalhar na Prefeitura. Podia ser Corinthiano mesmo, pois

a cidade sempre teve grande torcida, entre eles meus queridos tios Harry Gottardello e Toninho do Peri. Ou ainda, pra falar a verdade, minha primeira camisa de um time de futebol, foi uma da Ponte Preta (preta com a faixa branca) que meu tio Toninho me deu. Mas vamos aos fatos.

Sempre em dias especiais em que o PeriBar tinha grande movimento, era normal que o tio Toninho contasse com ajuda da família além do já fiel escudeiro, o tio João. Naquela noite, meu pai estava ajudando no balcão e minha mãe estava ajudando fritar coxinhas na cozinha da casa da minha vô. A sala da casa da minha vô tinha uma porta que dava direto no bar, passava por uma passarela diagonal de madeira atravessando a área de carteadado e chegava dentro do balcão.

Eu estava ali na sala brincando sozinho ou desenhando alguma coisa e via o mo-

vimento de idas e vindas da turma empenhada. Passa uma bandeja cheia de coxinhas, volta uma vazia. Passa um engradado de garrafas vazias, volta sanduíche. Pelo jeito estava muito animado lá no bar.

Chegou uma hora que eu cansei e resolvi ir até o bar para ver o que estava acontecendo. Passei pela área de carteadado e quando entrei no balcão vi meu tio Toninho alucinado de alegria. Ele ria muito e gritava gol. Me pegou no colo e colocou sentado no balcão mostrando a televisão que ficava em uma prateleira alta. Ele estava muito feliz mesmo. Ele gritava e me mostrava: “Olha lá, olha lá, é campeão, é campeão, Corinthians campeão”; completando com a pergunta que fez tudo acontecer: “e agora, campeão, você vai ser Corinthiano ou não?”. Eu gostava muito desse tio e claro que respondi que sim. Se ele estava tão feliz, devia ser muito bom ser Co-

rinthiano.

Isso era em 13 de outubro de 1977 e naquela noite o Corinthians foi campeão acabando com um jejum de 23 anos. Só depois fui entender um boneco de pano enforcado que meu tio tinha lá no bar, escrito no pé da forca: “Cansei de esperar o Corinthians ser campeão”. Hahaha, esse boneco era o bandido do meu Forte Apache.

Alguns dias depois, ou no ano seguinte talvez, eu desenhei um distintivo do Corinthians mal e porcamente como pode desenhar uma criança de 5-6 anos, mas com muito orgulho fui lá no bar dar de presente para meu tio. Mais uma vez a felicidade dele foi gigante. Ele subiu em uma escada e colou o meu desenho na parede ao lado do relógio e entre dois quadros do Oscar com camisas da Seleção Brasileira e da AAM. Pra quem achar que eu possa estar mentindo, vai lá no museu (Mu-

seu Histórico e Geográfico de Monte Sião) pra conferir. Lá tem uma foto do PeriBar, com o tio Toninho e o tio João no balcão, e dá pra ver o meu desenho colado onde estou contando.

Mas em janeiro de 79 meu tio Toninho nos deixou. Uma tristeza ainda hoje sentida! História triste, mas com o toque heroico do grande homem que ele foi!

Lembro bem que eu e o Fabinho Pennacchi, meu primo, entre algumas lágrimas pela partida do tio, prometemos um para o outro que seríamos Corinthianos para sempre. “Agora nós vamos ser Corinthianos pra sempre.”, “Sim. Pelo tio.”. E assim somos hoje e para sempre seremos. O Sérgio e o Lucinho, filhos dele, eram palmeirenses sei lá se influenciados pelo vô Peri (não sei para quem a Angélica torce). Então na nossa cabeça de criança, alguém tinha que seguir a loucura dele pelo Ti-

ção. É isso aí: Corinthians é Preto no Branco, parafraseando o título do livro de Washington Olivetto e Nirlando Beirão. Motivo indiscutível.

De lá para cá, vitórias e derrotas, mas como disse o cantor Toquinho, “ser Corinthiano é ir além de ser ou não ser o primeiro”.

Assim eu nasci Corinthiano. O Timão me escolheu para ser seu torcedor.

Torço bastante para dois outros times de futebol, mas que não chegam a ser times do coração. O Liverpool (que adotei pelos Beatles, embora nenhum dos quatro torcesse para o time) e a Juventus de Turim (já dos tempos do carasco Paolo Rossi, Platini e Boniek).

Mas talvez o status de Time do Coração também possa ainda caber, riam, para o lendário Garapa de 82-83. Mas isso quem sabe seja uma outra história.

Pelos bares da vida

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Conheci muitos bares na vida. Escreveria um livro sobre o assunto, mas deixo apenas algumas linhas para alimentar seus próprios pensamentos e lembranças. Os primeiros bares foram da minha infância, na Barra Funda, próximos de casa, onde meu pai tinha um armazém. Bem vizinho, o bar do Afonso Biancardi, de lindas filhas. Depois virou o Bar do Balu. Na esquina de baixo, o Bar do Angelim Bertan e seus tradicionais sorvetes. Naqueles tempos de menino meus olhos se voltavam para as vitrines recheadas de doces e raros chocolates. E tinha aquelas cartelas que a gente furava para ganhar algum brinde especial, além das rifas. Este bar pertenceu

também ao “Cheo” Bertan e depois foi adquirido pelos Ferreira, chamado de Bar do Mineiro (por terem vindo de Minas Gerais), do São Antonio e o pai dele. Tempos mais tarde, já na adolescência, vieram os bares do Élio Rotella, do João Rotella (de encontros do time Juventude Paulista) que depois se tornou o Bar do Sabiá (Oswaldo Piato), onde a gente se trocava para ir jogar futebol pela região. Muito próximo ficava a Vila Storani, e lá tinha um posto de combustível, por isso o local era chamado de Bar Shell, que pertenceu ao Duílio Brunelli e depois ao “Pin” Genesini. E foi onde, em 1958, acompanhei pelo rádio o Brasil se sagrar campeão mundial de futebol. Eu tinha dez anos. Neste local nasceu o lendário time do Centenário. E

próximo tinha um temível matadouro, onde chegavam as boiadas naquela época, que passavam pelas ruas da cidade obrigando as mães a recolher seus filhos e fechar os portões das casas, às vezes invadidas pelos bois.

O Angelim e o “Cheo” Bertan se mudaram para o centro, próximos do Cine Bandeirantes e da Praça de Sant’Ana, um tempo de paqueras e sonhos de enamorados. Onde a gente tomava Fogo Paulista para ter coragem de achar uma namorada. Muitos casais vinhedenses brotaram ali. O famoso Bar do Rocinhense, com suas canchas de bocha, de grandes carnavais. Um pouco abaixo, onde hoje está a Câmara de Vereadores, ficava o famoso Bar Gato Preto (foto que ilustra esta crônica), que pertenceu a vários

donos, incluindo o Anésio Brunelli. Na Rua 9 de Julho tinha ainda o Bar do Pedrinho Boscatti e o Bar do Loschi. O Bar do Tegani. Bem na Praça de Sant’Ana surgiu uma novidade, a Lanchonete OK ou Bar da Dita, do Pedrinho Oliveira e do poeta “Bi”. Já era um ambiente mais sofisticado, digamos, próprio para os jovens lancharem. Mas ali no Centro e arredores, antes, muito antes, nos tempos de Rocinha até, existiram os bares do Miro Bampa e seus sorvetes especiais; o Bar do Naime Ajjar (que foi o primeiro taxista de Vinhedo), onde hoje é a Galeria dei Fiori; o Bar do Biagioli (“Doca” e “Cabeça Branca”), na esquina ao lado. Na Capela, o bar e armazém do Zé Ferragut. Depois vieram muitos outros bares na cidade, que não es-

tou citando aqui e você deve conhecer, como o Bar do Lebrinha, na Nova Vinhedo. E o atual Casarão, no Centro, antiga moradia da família Carbonari Santana. E esta história iria longe, se contasse dos bares de Valinhos e Campinas que frequentei. Os eventuais leitores vão lembrar.

Posso dizer que comecei a conhecer e entender o mundo a partir dos bares. Eu vi os bares disponibilizarem para lazer de seus clientes, nesta ordem: jornal, mesa de bilhar e televisão. Foi nos bares que comecei a ler a Gazeta Esportiva, o jornal preso entre duas ripas para não desfolhar ao vento nem ser levado por alguém. E foi nos bares que vi as primeiras televisões que passavam jogos de futebol e programas de auditório. Primeiro, numa

sala reservada unicamente aos clientes que gastavam; depois, aberta a todo mundo. E nos bares joguei sinuca, coisa muito divertida. Foi nos bares que conheci os amigos que tenho até hoje. Onde montamos times de futebol. Discutíamos de política a religião. E descobríamos o significado da vida. Eu sei, e brinco aqui, muitos homens não frequentavam os bares por receio de suas esposas. Mas devo admitir que os bares, simples ou sofisticados, sempre foram ambientes sociais indispensáveis na sociedade. Existentes até hoje e nunca deixarão de existir de alguma forma. Agora você já pode fazer uma viagem pelos bares de sua vida!

SOBRE VIVER

MATHEUS ZUCATO ROBERT

Ela nunca havia acreditado em doenças fatais, dessas que colocam a gente de cama por dias e dias e que possuem um fim rígido e direto: vida ou morte. Ela acreditava apenas nos milagres, nas vontades e nos caminhos escritos certos por linhas tortas, mas que ainda assim eram caminhos, e levavam, de uma forma ou de outra, à felicidade, fosse a de encontrar novamente os familiares preocupados, ou o de encontrar o paraíso, se assim fosse digna.

Ela, que nunca havia acreditado nas enfermidades desoladoras, levantou-se certa manhã somente para tombar na cadeira da cozinha, o rosto branco como marfim, as têmporas feitas de bicas d'água natural, os olhos muito vazios de si, e em sua frente o marido, que perguntou qualquer coisa que não pôde ouvir, pois já havia perdido os sentidos e viajava num sonho muito longe, sem direção.

Ela, que nunca acreditou,

deitada na cama, ouvia de olhos fechados os sussurros daqueles que dela cuidavam, e ela só queria ter forças e pedir que falassem mais alto, para que ela pudesse saber qual era a sua situação, qual era o seu destino, pois deitada na cama de sua casa ela passou a ser espectadora passiva do mundo ao lado de fora, enquanto no de dentro começava a perceber a fragilidade da vida.

Seus tempos eram outros: ela se levantou da cama e olhou pela janela: lá fora, a mãe brincava com sua irmã pequenina; provavelmente tinha 4 ou 5 anos, uma linda lembrança que ela perdera e que retornava. Ouvindo os sons da bicicleta de seu primeiro namorado, o Mauro, aquele entregador de garrafas de leite para as famílias da vizinhança. Sabia que ele estava por perto, podia reconhecer facilmente aquele que era o som da sua felicidade de moça pudica cortejada e paquerada pelo moço da bicicleta. Sentiu o cheiro das cartas que ele escrevia, em segredo. Olhou para

o sol e viu que ele era azul, o que a fez lembrar, num lampejo de lucidez, que nunca teve irmã, e que Mauro era, em sua juventude, um senhorzinho que ainda trabalhava para sustentar a casa, e por quem ela tinha profunda compaixão e comprava sempre uma garrafa de leite a mais do que sua mãe pedia. Era o que a deixava feliz, esse ato de bondade e compaixão. Em troca, ele escrevia poesias belíssimas em papéis de carta.

Certo desconforto apossou-se de si quando se deu conta que delirava. Seu estado febril era acompanhado de sussurros ainda incompreensíveis, porém mais nervosos, do lado de fora. Ela percebeu a fragilidade da vida como a um fio de cabelo que sustentava um elefante do alto de um precipício. Sua existência dependia de um fio de cabelo que se firmasse, e aí passou a agarrar a vida que via ainda diante de si. Ela pecou: descreditou em destino, em caminhos escritos, em forças maiores, para poder acreditar unicamente em si e na vontade

de perpetuar sua existência. Ela quase quebrou as unhas agarrando com firmeza uma das patas traseiras daquele elefante pendurado, e com isso trouxe-o para perto de si, numa força que nunca antes imaginou possuir. Os sussurros aumentavam e se tornavam mais claros, e ela podia perceber alguém falando no seu ouvido direito, mas ao distrair-se, sentia que perdia a força que o foco a proporcionava.

Ela, que acreditava na vida, abriu os olhos numa cama muito branca de lençóis com cheiro de lavanda, e percebeu que se mexia com lentidão, mas uma lentidão que significava paz e alívio. Quis respirar ar puro; andou até as janelas e as abriu. Fora, os movimentos do cotidiano. Respirou profundamente um ar que a preencheu de pura felicidade. Olhou para fora e viu que, ali perto, uma mãe brincava com sua filha, e a garotinha lhe pareceu ter entre 4 e 5 anos de idade. E um irremediável sorriso tomou conta de seus lábios.

Acidente inédito ocorrido em Monte Sião

J. CLAUDIO FARACO

Em meio a um dia comum e, como sempre, muito calmo nessas paragens das Minas Gerais, nossa cidade continuava com sua vidinha interiorana, pouco movimento pelas ruas, raros automóveis circulando de um lado para o outro, dia de sol, nuvens preguiçosas remetendo suas sombras vagarosas cá para nós.

Os sinos da Igreja Matriz alertavam os religiosos para o início da próxima missa. Era um domingo, 12 de Setembro de 1971.

A Rua JK, hoje bastante movimentada, à época se encon-

trava completamente livre de pessoas e veículos. Menos mal, pois se fosse o contrário, algo muito grave poderia ter ocorrido ali.

Nesse dia, um grande caminhão atravessou a Avenida Getúlio Vargas e iniciou lentamente a subida do aclive que a Rua JK oferece. Na carrocera, o veículo transportava uma folha de aço puro com um metro e meio de altura enrolada com 70 voltas e pesando mais de seis toneladas. Ela se encontrava em pé, na forma de um grande cilindro, mas possivelmente não estava amarrada, pois seu formato lhe dava boa sustentação.

Entretanto, no aclive da rua, talvez numa troca reduzida de marcha para redobrar a força do motor, a peça deslizou para trás e caiu no meio da rua, por muita sorte, na mesma posição em que se encontrava sobre o veículo! O acidente se deu próximo às residências de Egídio Glória e Sebastião Macedo. Se o rolo de aço caísse deitado, certamente uma tragédia ocorreria naquela rua. Basta imaginar um peso de seis toneladas de puro aço descendo morro abaixo! Aonde iria parar? Bom, felizmente como nada de grave aconteceu, o pesadíssimo objeto ficou lá estacionado bem no

meio da rua por várias semanas e acabou virando atração turística. Após um tempo indefinido (meu diário não registra esses dados), a Empresa proprietária do aço enviou outro veículo dotado de guindaste para remover o trambolho. A "atração turística" foi embora e, para não perder o embalo, a cidade começou a fabricar tricô! Mineirinho trabalha quieto...

VERGONHA, BRASIL: VIDAS FEMININAS IMPORTAM E MUITO!

FUNDAÇÃO CULTURAL "PASCOAL ANDRETA"

Lei Municipal que a declara de utilidade pública: nº 972/1983
 Lei Estadual que a declara de utilidade pública: nº 15349/2004
 Lei Federal que a declara de utilidade pública: Portaria nº 347/DOU 15/02/2012
 Cadastro na Secretaria de Estado da Cultura: nº 732
 Rua da Saúde, 115 – Monte Sião - MG
 CGC 17.414.632/0001-02

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA A 2ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO ANO DE 2020 E 1ª ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO ANO DE 2021

A Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta", Sr. José Ayrton Labegalini, no uso de suas atribuições e poderes, devidamente conferidos pelo seu estatuto social averbado no Ofício de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob Nº 20/02 do Livro A-007 em 15/09/2009 nesta Comarca, cumprindo os termos de seus artigos 15 e parágrafo 1º, 13, vem **CONVOCAR** os senhores Membros Natos fundadores seus Diretores, seu Conselho Curador e Fiscal, juntamente com o I. Membro Ministério Público desta Comarca; e seu Advogado Dr. João Lúcio Genghini Júnior OAB/MG166.320, para a realização da **Segunda ASSEMBLEIA ORDINÁRIA do ano de 2020** que será realizada concomitantemente à Primeira **ASSEMBLEIA ORDINÁRIA do ano de 2021**, a ser instalada em **1ª (primeira) convocação às 18:00h (Dezoito horas) do dia 01 de fevereiro de 2021**, no auditório do colégio Monte-Sionense, sito à Av. das Fontes, nº 645, com a presença do número mínimo de 1/3 (um terço) de seus integrantes, razão que, se não auferido o quorum qualificado no dia e hora determinados, fica desde já marcada a **2ª (segunda) convocação para mesmo dia, às 18:30h (dezoito horas e trinta minutos)**, e no mesmo local e dia, quando será constituída com qualquer número de presentes, nos termos do parágrafo 1º do artigo 15, para deliberação dos seguintes assuntos:

- A. Proposta da 2ª AGO de 2020 ser concomitante à 1ª AGO de 2021
- B. Leitura e aprovação da Ata da 1ª Assembleia Geral Ordinária de 2020;
- C. Dar a palavra a seu presidente e membros da diretoria, para que promovam a prestação de Contas sobre o andamento das atividades realizadas pela Entidade, no segundo semestre de 2020 e no primeiro mês de 2021.
- D. Dar a palavra ao Sr. Presidente e Sr. Diretor Financeiro para prestarem contas sobre a execução do plano de trabalho de 2020 – Subvenção da Prefeitura; e as contas privativas da Entidade;
- E. Dar a palavra ao Conselho Fiscal para ratificação e aprovação das contas apresentadas;
- F. Dar a palavra aos Membros do Conselho Curador;
- G. Análise do funcionamento do Museu e das atividades da Fundação nesse tempo de pandemia e estudar protocolo de reabertura do Museu.
- H. Tratar de outros assuntos por solicitação dos conselheiros ou por conveniência de seu presidente seja necessários.

A publicação na imprensa local é dispensada conforme seu estatuto, sendo a afixação do presente edital em sua sede e a notificação por carta simples aos interessados, o meio legal de comprovação da presente convocação, figurando doravante como o documento hábil ao chamado para que surtam todos os efeitos de fato e de direito junto a todos os interessados aqui devidamente convocados, ainda que no local e data e horário determinados, estejam estes presentes ou ausentes.

(* Os procuradores legais deverão estar presentes 15 MINUTOS antes do início dos trabalhos, para validação de seus instrumentos de mandato junto ao Diretor Administrativo, ou a sua ordem.

MONTE SIÃO, 23 de janeiro de 2021.

JOSÉ AYRTON LABEGALINI
 Presidente da Fundação Cultural "Pascoal Andreta"

O canto da Poesia



Pudera!

Ser
tão feliz

na vida
como
tem sido

do sol
pela manhã
à lua
ao anoitecer

de graça
chuva
de bênçãos

e eu
no meio

Eraldo Monteiro

Bruxo

Em sonho um bruxo
que não existe
me disse: a vida
é de inventar

Invente amores
esperanças
sonhos
e verdades

e desinvente
o desnecessário
com sorrisos
e benevolências

Pois apenas
a essência
da alma
é mágica

Que a realidade
é imprevisível
esdrúxula
e trágica

J. Carlos Grossi

o capitão de uMa nau sem rumo

o Amazonas precisa de Ar
o mundo precisa de
cuidAr
desarmAr
alimentAr
educAr
compartilhAr
amAr
...

B. O. B.

Quando a velhice chegar

Quando a velhice chegar
Deixe aberta sua janela
Nem o portão a trancar
E sua porta sem tramela

Velhice não tem idade
É só o tempo passando
Quem se opor é falsidade
Não sabe o que está falando

Tantos velhos são jovens ainda
Muitos jovens velhos já são
São retratos de uma vida linda
Que faz bem ao coração

Envelhecer ao fim do dia
Mostrando o vigor da idade
Com planos de alegria
Que nenhuma idade reprova

Você que está florescendo
Mostrando o vigor da idade
Conserva a saúde que está tendo
Evitando contrariedade

Não importa quantos anos já tem
Idade não é documento
O tempo não faz mal a ninguém
É o mais puro lenimento

Viva uma vida tranquila
Compartilhe com alegria
Serenos enfrente a fila
Numa eterna e boa magia

Não importa o que os outros digam
De sua postura arqueada
Com seus passos que prossigam
Vai deixando rastros na estrada

Arlindo Bellini

(Estrofas concebidas ao ler a crônica de Zéza Amaral, publicada no Jornal "Monte Sião", edição 582, dezembro de 2020 e publicada anteriormente no "Correio Popular", de Campinas, em 21/1/2018)

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Janeiro de 2021

Nº 583

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

FEVEREIRO DE 2021

Dia 01 Irma Rieli Guarini Noel Elias Alves Dia 02 Juliana Celi Araújo João Henrique C. Bueno Luiz Fernando Odinino Maria Cláudia O. Gomes Dia 03 Renan Barbosa Ferraz Bruna Fernandes Freire Emani Borges de Queiros Tamara Monteiro Nilsa Taveira Labegalini Dia 04 B. Ione Guireli Zanella, Valinhos/SP Dia 05 Denise Maria Francisco Corsi Nilza Silvério Dia 06 Ivanir de Cássia Zucato Maria Aparecida de Jesus Dia 08 Juliana Cristina Simões Gabriel Silva Monteiro Edson Luiz Valentim, Marumbi/PR Tatiana Silvério Souza Andréa L. O. Azevedo Dia 09 Alexandre Felix Liliana Caetano Monteiro Andressa Campos Freire Dia 10 Adhemar Francisco Rejani, Marumbi/PR Karen Cristina Francisco Maria Takahashi Maria Aparecida Vieira Brasil Suzumi Izumi Dia 11 Ademir Rodrigues Zucato Lourdes Pereira Sueli de Lourdes Canela Dia 12 Alana Augusto Faraco Luana Silvério Souza Edméia Comune Dia 13 Júlia de Fátima Artuzo Adriana Delgado G. Pepe Dia 14 Mirella Mussi Campos Marcos Vinícius do Amaral Dia 15 Melissa Labegalini de Oliveira, São Paulo/SP Dayane Beatriz Araújo Dia 16 Eliana Maciel Odair Glória, S.J.Rio Preto. Dia 17	Alexandre Labegalini Dia 18 Marília Roberta S. Antônio Lucas Zucato Lopes Ellen Tissiana Alves Dia 19 Bárbara Monteiro da Costa Andréia Monteiro Regi- nato Maria Elisa de Lima Ricardo Castro Ribeiro Momokishi Izumi Dia 20 Franciele Inácio José de Paula Domingues, São Paulo/SP Maria A. Beghini Domingues, São Paulo/SP Vanessa Momesso Monteiro Gabriela Fonseca Verônica Daldosso Labegalini Henrique Labegalini Dia 21 Nilza Sueli G. Zucato Edson Shibuta Dia 23 Deni da Costa Mário de Paula Borges Mogi Guaçu/SP Luciana Maria Ventura Lucas Arthur M. da Silva Priscila Regina de Oliveira Magali Genghini Benedito Hermínio R. Zucato Dia 24 Lara Pieroni Tiago Bernardi Ruiz Adilson Luiz dos Santos Maria Borges Gomes Poliana Castro M. Cardoso Dia 25 Mônica Guireli, Valinhos/SP Micheli Cássia Vitoriano Edson Luiz Volpini Ivone S. Fonseca Righete Bruno Mariano Silva Cláudia Trindade Diniz Dia 26 Amanda Comune de Barros Artur Ribeiro Neto José Luiz Bueno Adriano Godoi Faria Dia 27 Suellen Teles da Cunha Mariluci P. C. Labegalini, Maringá/PR Dia 28 José Augusto Domingues Dia 29 Fátima Aparecida Silva.
--	--

A todos, as felicitações da Redação!

Falecimento

Faleceu no dia 27 de dezembro de 2020, na cidade de Pouso Alegre, Luis Carlos Osti, nosso querido Padre Pitico. Filho de Joaquim Osti e de Maria Eduardo Osti, nasceu e viveu em Monte Sião até se ordenar Padre aos 35 anos de idade. Nos últimos anos esteve a frente da Paróquia São Geraldo Magela, em Pouso Alegre, onde desempenhava um trabalho social de extrema importância com os mais necessitados, nunca permitindo que lhes faltasse a roupa para agasalhar o frio e o pão de cada dia para aplacar a fome. O Monte Sião expressa seus sentimentos à sua família e todos seus paroquianos.

Doação

O Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião foi presenteado com móveis para revitalizar seu escritório e loja. O presente veio em forma de doação do casal Adriana Maria de Sousa Berghofer e André Berghofer. A FCPA agradece o apoio de sempre.

Banda Lira Monte Sião

O presidente da Câmara de Vereadores de Monte Sião enviou à FCPA um ofício em agradecimento à apresentação da Banda Lira Monte Sião na Cerimônia de Posse de Vereadores, Prefeito e Vice-Prefeito do Município de Monte Sião.

A participação da Banda Lira em momentos importantes de nossa cidade é sempre uma honra

para todos nós da FCPA a da ONG Expressão Livre, mantenedoras desse projeto.

Aniversário do JMS

O JMS recebeu um ofício da vereadora Angélica Artuso de Souza parabenizando o jornal por seu aniversário de 63 anos de publicação.

Em nome da organização e dos colaboradores JMS, agradecemos à vereadora Angélica pela gentileza e consideração para com o jornal.

PANDEMIA, ASSUNTO ESCABROSO

José Antonio Zechin

Tristes tempos estes que estamos vivendo, em que todo mundo quer falar e ninguém quer ouvir. Uma perguntinha simples e objetiva: o que você sabe — de verdade —, sobre a Covid-19? Não tenho dúvidas de que já ouviu trilhões de informações através da televisão, jornais, revistas e mídias sociais. Além das fofocas e fake news. “Especialistas” de todo tipo, do mundo inteiro, com argumentos para lá e para cá. Gráficos estatísticos lindíssimos, com médias e picos disso ou daquilo. Todos sabem tudo, mas ninguém sabe nada. Já faz um ano isso. Você se considera bem informado? Supostamente, deveria saber muita coisa. Ou, pelo menos, um pouco sobre cada aspecto do assunto. Tipo, quais os cuidados necessários (isso é fácil: máscara, álcool em gel e distanciamento); qual o tratamento, se

pegar o bichinho (mais difícil de responder, não é?); a vacina vai mesmo resolver a situação (e aí, vai marcar coluna do meio?). Agora que a vacina está chegando, vem esta história de mutação do vírus. Pode isso, Arnaldo? Não sei vocês, mas eu me sinto completamente desinformado, totalmente desorientado, inteiramente despreparado. E olha que me acho uma pessoa com certo grau de inteligência e compreensão. Não sou tão burro quanto pareço. De que me servem informações sobre o percentual de eficácia da vacina ou de onde ela vem? Se é produzida no Brasil ou importada? Se vai haver seringas, algodão e esparadrapo suficientes? Qual a temperatura para conservar a vacina? Quantas pessoas já morreram e quantas ainda vão morrer? Se os hospitais estão superlotados (sempre estiveram)? Todo dia a imprensa fala mais do mesmo. Quanto mais falam, mais confuso fico. Por detrás de tudo isso, interesses econômicos, ideologias e politicagem. Tudo o que a gente não sabe e nunca vai saber. A mim bastaria dizer: “Meu caro, pode tomar a vacina, ela é segura, você vai estar protegido deste vírus e vai viver para o resto da vida”. Simples assim. Só isso.

Primeira do ano

ZEZA AMARAL

2020 já era, assim como muitos políticos, e vou tratando de cuidar do novo ano que ganhei. E já vou avisando que tenho coisa mais importante a tratar na vida. Ninguém sabe da minha porfia, da minha lida com a vida, das coisas nas quais acredito. Mas bem sei que sou só um contador de histórias e trovador das minhas próprias chuvas de palavras. Todo santo dia acordo e fico lidando com os acertos e erros que andei fazendo pela vida. Nunca tive gosto de sonhar dormindo. Gosto mesmo é de pensar acordado, sonhar com o meu time campeão e com os tempos em que eu era um bacuri no colo da minha mãe. E é disso que me lembro. E lembro do canivete afiado do meu avô, limpo e bem afiado pelo fumo goiano, dos médios, e que hoje anda comigo, única coisa que dele ganhei de herança. Meu umbigo foi cortado por ele e dele nunca mais tive notícia, do umbigo, é claro. Ou foi mumificado ou serviu de repasto em algum formigueiro, como era comum na época.

Adolfo Guilherme, meu dito avô, inventava muita história — talvez por conta disso eu tenha virado também um inventor de prosas, escrivão ou espião da cidade — ou espião de mim mesmo — ofício que não pedi e nem desejei. Apenas faço o que sei e algumas das histórias podem ser amargas — as quais são reclamadas por amigos e algum raro

leitor. E se tivesse que sonhar gostaria que o meu avô soubesse que mal e mal aprendi atirar umas notas na viola, essa coisa de gente sem eira nem beira, como falam por aí. Meu avô não cantava. Era só um contador de histórias. E foi um dos melhores. Mas o avô se foi e um vizinho amigo, Fuad Buainain, me ensinou como se vestia um homem defunto e bom. E foi assim, quarenta e tantos anos atrás, que espiei o meu destino. E estou aqui escrevendo minhas histórias e tentando alegrar o raro leitor. São tempos estranhos para falar em alegrar a quem quer que seja. O palhaço Fredô, do saudoso Circo Teatro Irmãos Almeida tinha a magia de apenas entrar no palco (o circo não tinha picadeiro) e com um simples olhar fazer a plateia gargalhar. Walter de Almeida nos encantava com a sua música, tão elegante e saudoso como Armando Manzanero, recém partido. Ouvi, portanto, grandes cantores. Não reclamo do ano passado e nem dos muitos que se foram. Cada um trouxe alegria, dores e paixões. E muita festa e abraços nas repúblicas da cidade. O Bate Papo nasceu quando acabou a República Palácio, no Largo Santa Cruz. Prédio vazio, lá só poderia ser instalado um boteco.

E muitas paixões e canções nasceram na Adega Florence que, de um jeito ou outro, encantou a fria esquina das ruas Carolina Florence e Primeiro de Março. E foi na Adega que, em 1976, Adoniran Barbosa jantou frango com

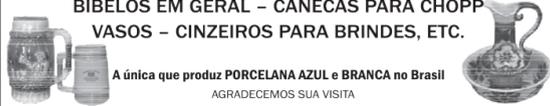
polenta. Ele se encantou com a Elizabete Ribeiro e enquanto segurava o garfo com a direita, com a esquerda segurava a mão daquela moça que hoje manda em mim. Cézinha foi quem teve a ideia de trazer Adoniran para uma apresentação em Campinas só para amigos (os quais contribuíram com um generoso cachê). Estavam todos felizes com tão ilustre pessoa. A apresentação alcançou tanta repercussão que resolvemos fazer o espetáculo no Centro de Convivência, cujo aval foi dado pelo saudoso Carlos Brágio, diretor de programação do espaço. A casa lotou. E todo dinheiro arrecadado foi entregue ao Adoniran ou, melhor, à sua esposa, em São Paulo, para onde o levamos de volta. São e salvo. E até hoje a memória de prorear com o velho compositor ainda me comove. Anos depois, Pezão abriu um bar chamado Esquina de Tal, fincado entre as ruas Luzitana e Ferreira Penteadado. E lá pudemos assistir Paulo César Pinheiro e Jamelão. Não sei se a nova Secretária de Cultura de Campinas entende dessas coisas populares e se o seu currículo profissional acadêmico poderá auxiliar e subsidiar nossos artistas populares.

O novo ano chegou e agora vamos saber se ele trará as mesmices do ex-secretário Ney Carrasco que, de certo modo, foi um mestre em guilhotinar a cultura da cidade. É isso.

Bom dia, novo prefeito

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.



A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG



Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

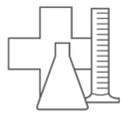


ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise



Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO

Everson Labegalini

Peças e Acessórios para
Áudio e Vídeo

Rua: Carlos Pennacchi nº 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG

Cel.: (035) 8404-5136